
PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 293 p.

*Glória Diógenes**

Universidade Federal do Ceará – Brasil

Tenho aqui a satisfação de apresentar um livro-matilha, como destacam Deleuze e Guattari (1995, p. 40), uma experiência de multiplicidade apreendida no tal instante da reunião de escritos, o encontro de quantidades extensivas indivisíveis. O eixo comum dessa coletânea são os processos de profissionalização jovem e a percepção de como a perspectiva do conceito de criação cadencia e constitui uma plêiade de imaginários juvenis na sociedade contemporânea.

O livro traz à tona, em quase todos os capítulos,¹ através de um rico diálogo com Sennett (2009), a condição do artífice, destacando a importância e a atualidade entre os domínios do pensar, do fazer e do criar nos processos de profissionalização juvenil. Como é destacado nas suas páginas introdutórias, “é nessa direção que procuraremos aprofundar vários estudos de caso (Brasil/Portugal) [...] para a liberação de um novo campo de possíveis, que não existem a priori, que não estão dados e que precisam ser incessantemente criados” (p. 11). São jovens de diferenciadas origens sociais e geográficas, sendo o próprio livro um agenciamento criativo, uma pulsação que atua como “fator de agregação”: “recorrer à equipe, aos amigos, ao coletivo, é também tática para diluir a pressão (de criar) como fardo” (p. 255).

* Contato: gloriadiogenes@gmail.com.

¹ O livro é composto pela apresentação e por mais seis capítulos: o primeiro, de autoria de Maria Isabel Mendes de Almeida, *Criatividade contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador*; o segundo, de Vitor Sérgio Ferreira, *Das belas artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes no mundo português da tatuagem*; o terceiro, de Ana Maria Nicolaci-da-Costa, *Talentos on-line: a profissionalização da criatividade via internet*; o quarto, de José Machado Pais, *O mundo em quadrinhos: o agir da obliquidade*; o quinto, de José Alberto Simões, *Viver (d) o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização*; o sexto e último, de Fernanda Eugênio, *Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas*.

E percorrer a vista nas linhas buliçosas de Maria Isabel Mendes de Almeida, de Vitor Sérgio Ferreira, Ana Maria Nicolaci-da-Costa, José Machado Pais, José Alberto Simões e Fernanda Eugênio é perceber que vale a aventura de pesquisar margeando as plantas, o planejamento, mas estando bem atento, também, aos esboços. Diante desses fenômenos que nem são apenas juvenis, e muito menos relativos ao campo restrito de agentes criativos, ou seja, que também nos atravessam e estão “a exigir de nós [...] uma nova tribuna da imaginação” (p. 8), o que nos convoca?

Como ressalta Isabel Mendes, uma camada geracional está cada vez menos diante dos tradicionais impasses que se estabelecem entre “vocações executivas” e “universos artísticos-expressivos” (p. 22). O que os autores aqui percebem, de modo geral, é que há uma mútua contaminação entre ambas as esferas, constituindo-se assim “agregados colaboracionistas” (p. 24) – obviamente, com algumas especificidades.

Na experiência dos quadrinhos, destacada por Machado Pais, nos vários interlocutores ressaltados por Fernando Eugênio e Isabel Mendes, “o ato de pensar já se traduz num fazer” (p. 25). Isso parece, também, trazer outros impasses para a figura do tatuador, aqui desenvolvida por Vitor Ferreira. Diz o autor: “Sendo o conhecimento profissional do tatuador eminentemente prático, constituído por saberes-fazeres, as competências técnicas fundamentais à produção de tatuagens são literalmente *incorporadas* (p. 76, grifo do autor). “Uma especificidade da prática de tatuar é que ela envolve um encontro de corpos: a mão do tatuador, sobre outro órgão, a pele humana.” (p. 91). Assim, ao criar no corpo do outro, o tatuador recria o corpo do outro, traduzindo uma simbiose de imaginações onde o desejo (do corpo tatuado) é marcado, conduzido pela criação do outro, o tatuador. São corpos que se inserem em redes contínuas de criação e reinvenções de si.

As redes digitais também têm promovido aproximações, conectividades, continuidades entre papéis e funções quase sempre marcados por linhas fronteiriças: produtor/consumidor, espectador/protagonista, o que divulga/o que participa dos eventos, construindo, como destaca Ana Maria Nicolaci-da-Costa, dilatadas “vitrines de talentos”. É que as ideias não bastam, como elucida Machado Pais, sobre seus achados acerca do “mundo em quadrinhos”: “É necessário que existam (ou se criem) condições de possibilidade para uma boa sementeira de atividade de profissionalização.” (p. 147).

Criação só parece existir em conspiração, em situações de ultrapassagens de um “eu”, delimitado de modo insular. Assim, Machado Pais sugere, em consonância com os criadores de quadrinhos, “a possibilidade de os fazeres deixarem também marcas em quem o faz”. A reflexividade como efeito de deslize, do escoamento, enviesamento, ou seja, aquilo que Machado Pais toma e retoma, em seu texto, como referência ao signo da obliquidade.

O que parecia ter a necessidade de se separar, de assumir nítidas linhas identitárias, mesmo numa experiência alternativa, *underground*, como o *hip-hop*, movimentava-se para o lado comercial, *mainstream* (p. 190), como pontua José Simões. Aqui, também muitas das fronteiras se diluem e se misturam, o que podemos designar como esfera cultural e esfera econômica são marcadas, nas experiências do *hip-hop*, por uma autonomia relativa, tendo em vista que as fronteiras de atividades entre “tempo livre” e “obrigação” são difíceis de serem estabelecidas de forma absoluta (p. 191). Representam aquilo que José Simões denomina de *circuitos digitais*. Assim sendo, a própria presença *on-line* dilui as fronteiras presenciais entre o que pode ser considerado alternativo e *mainstream*.

Observa-se nos vários textos aqui apresentados que o sujeito que se equilibra entre profissionalização e criatividade, assemelha-se a um funâmbulo que perfaz, diariamente, o trajeto de várias janelas, ou *slashes*, aquele sinal gráfico de uma barra diagonal, utilizados em endereço da *web* (p. 229). Nele se podem entrever facilmente nos perfis das redes sociais funções diversas que se acoplam no mesmo indivíduo: historiador/curador/DJ. Aprende-se fazendo, atua-se com o que se tem, e a cada projeto se pode mudar ou incorporar novas habilidades.

E o risco? Como bem podemos antever na trajetória de Cláudio narrada por Machado Pais, que nas conexões entre fazeres e descobertas de um amante de quadrinhos, músico, vendedor de incenso e criador de mensagens espirituais acabou, nessas “estratégias de acumulação combinatória” (p. 179) de “uma cadeia de interconectividade”, inusitadamente, por se tornar, na aproximação com os Hare Krishna, vendedor de hambúrgueres e dono de um restaurante vegetariano. O artifício do “virar”, do “se virar”, mesmo com “o elogio da mistura e instabilidade, o prazer com a transformação constante do entorno” (p. 243), exigem do sujeito a invenção de “outros possíveis” (p. 244). O redor, o que existe *para fora* dos sujeitos, precisa estar sendo o tempo inteiro percebido, tal qual um ampliado banquete antropofágico.

Finalizando esses fios entrecruzados de pensamentos e escrituras, evoco uma voz destacada por Isabel Mendes nas páginas iniciais de seu capítulo – um mundo acaba não somente quando temos que arquivar as respostas, mas quando as perguntas que as originam perdem sentido (p. 26). Néstor García Canclini (2010) aqui sinaliza as paisagens a que a leitura desse livro nos transporta, para a necessidade de construir olhares permeados por “sensibilidades iterativas” (Urry, 2000). Essa leitura nos convida, também, para algo muito simples: a astúcia de se mover do lugar carregando-o para onde quer que se vá. O pesquisador no trânsito dessas tensões contemporâneas, assim como o artista, se agita sabedor de que o desejo é antes uma produção ascética do que hedonista (p. 243). Exige esforço, tempo e ações infundáveis.

Os textos que conformam o livro, aqui sucintamente apresentados, podem parecer complexos no que tange à expressão de múltiplas abordagens metodológicas e enfoques teóricos, labirínticos, sem que possibilitem ao pesquisador criar solos de fixidez e algumas delimitações necessárias do fazer ciências sociais. Os que formaram essa preciosa coletânea, com tons de concepções tão contemporâneas, nos apontam lugares, sujeitos e formas singulares onde cada uma das dimensões aqui assinaladas acontece. Trata-se de pistas valiosas para estudos antropológicos mediados e facilitados por novas tecnologias da informação e da comunicação.

Tim Ingold,² antropólogo britânico, em uma entrevista concedida para a revista *Ponto Urbe* (Ingold et al., 2012), traça o que seriam os basilares desafios da antropologia nos marcos da atualidade: a questão fundamental ainda é o que realmente significa ser humano no mundo; o que é a linguagem; como lembramos das coisas; por que contamos histórias todo o tempo. São interrogações fundamentais que ainda estão longe de terem sido superadas na esfera das ciências humanas. Essa coletânea fornece uma valiosa cartografia dos novos horizontes profissionais juvenis na atualidade, dilui usuais fronteiras entre saberes e fazeres, amplia e diversifica, assim, o próprio escopo dos estudos da antropologia contemporânea.³

² Atualmente, professor e diretor do Departamento de Antropologia na Universidade de Aberdeen, Escócia.

³ Afora Tim Ingold, os demais autores referenciados nesta resenha são também citados e comentados pelos autores do livro.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GARCÍA CANCLINI, N. *La sociedad sin relato: antropología y estética de la inminencia*. Buenos Aires: Katz, 2010.

INGOLD, T. et al. Diálogos vageiros: vida, movimento e antropologia. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 11, 2012. Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/edicao11-entrevista/267-entrevista-com-tim-ingold>>. Acesso em: 28 maio 2013.

SENNETT, R. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

URRY, J. *Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century*. London: Routledge, 2000.